

Hortos Botânicos na cidade de São Paulo do início do século XX

Jessica Rodrigues Tiseo

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, FAAC - UNESP, Brasil.
jessica.tiseo@unesp.br

Marta Enokibara

Professora Doutora, FAAC - UNESP, Brasil.
marta.enokibara@unesp.br

RESUMO

No início do século XX, a cidade de São Paulo dispunha de três Hortos Botânicos: o Horto Botânico de São Paulo, mais conhecido como Horto da Cantareira, criado em 1896 por Alberto Löfgren; o Horto do Museu Paulista, que teve seus primeiros plantios em 1898 pelo diretor do Museu, Hermann von Ihering; e o Horto Oswaldo Cruz, criado em 1917 pelo botânico Frederico Carlos Hoehne. Todos não existem mais na atualidade com suas funções originais, mas resguardam, em seus espaços, alguns elementos construídos e vegetais que são testemunhos da criação desses lugares. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo fazer um breve histórico desses hortos, suas inserções em mapas de época, a investigação sobre o destino que tiveram e alguns componentes que preservam sua memória na atualidade. Metodologicamente, a pesquisa utilizou de referências textuais, cartográficas e iconográficas presentes em documentos primários, artigos, teses e dissertações, bem como nos sites que abrigam estes locais, visando aferir os objetivos a serem alcançados. Através do material levantado, foi possível visualizar e entender as localizações dos hortos citados, seus usos atuais e elementos remanescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Horto Botânico de São Paulo. Horto do Museu Paulista. Horto Oswaldo Cruz.

1 INTRODUÇÃO

A arquiteta paisagista portuguesa e historiadora de jardins Profa. Dra. Aurora Carapinha comenta, em sua tese sobre os jardins de Portugal¹, que há uma estreita relação entre a origem das palavras “horto” e “jardim”. A autora aponta que na época medieval, a palavra “horto” era tida como sinônimo de “jardim” e faz uso de sua origem etimológica para fundamentar tal argumento. No indo-europeu *gher* e *ghort*, termos que originaram as palavras posteriormente², ambas representavam a mesma natureza: de espaço recluso destinado ao cultivo. Esses espaços se assemelhavam, também, pela ideia do desfrute, da contemplação e da permanência em meio ao espaço vegetado, pois

[...] exprimem, na sua origem, a mesma realidade. Apenas chegam a Portugal por caminhos diversos. O segundo [jardim] impõe-se por uma vontade de igualar, copiar os modelos estrangeiros, como símbolo de europeização. É afinal, e não mais que isso, o rebaptizar de uma situação existente, uma nova roupagem, sem produzir modificações na sua essência e na tradição mediterrânica que o horto continha” (CARAPINHA, 1995. p.33).

Tínhamos então duas palavras que remetiam à mesma prática e sintetizavam o mesmo uso do espaço. Mas, enquanto o jardim tinha sua essência na “reprodução de um modelo europeizado”, a palavra “horto” fundamentava-se na simples produção dos espécimes vegetais, de forma “tradicional”. O horto era tido como “uma parcela de terreno cercada, de pequena extensão, equiparado mesmo ao quintal, onde se cultivam hortaliças, legumes, plantas ornamentais e árvores frutíferas, sujeitas a uma técnica intensiva de produção” (CARAPINHA, 1995. p.34). Carapinha (1995) ainda aponta que em meados do séc. XV, surgiram os chamados “hortos de recreação”, que seriam os predecessores dos jardins históricos portugueses.

¹ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. Da essência do jardim português. Volume 1. 425f. Tese (Doutorado em Artes e Técnica da Paisagem). Universidade de Évora, Évora. 1995.

² Segundo a autora, a palavra indo européia “*ghort*” posteriormente evoluiu para o grego “*chortos*” e latim “*hortus*”, derivações originárias da palavra “horto”. Da mesma forma, a palavra de significado semelhante, “*gher*” também sofreu derivações: para o antigo irlandês “*gard*”, germanico “*geard*”, inglês “*yard*”, e franco “*gart*”, que são terminologias que originaram a palavra “jardim”.

Essa sinonímia entre as palavras horto e jardim, em Portugal, ainda se mantém nos dicionários da língua portuguesa³ atuais. No Brasil, a palavra “horto” nomeia espaços com funções diferentes da dos jardins, mas a ideia inicial presente no significado da palavra em Portugal, de local destinado à produção de espécies vegetais atreladas ao uso (consumo ou ornamental), se mantém, o que, genericamente, também poderia levar a uma aproximação dos termos, no Brasil.

Transpondo essa ideia de similaridade no uso dos termos, ao rever a bibliografia referente à criação de Jardins Botânicos no Brasil, nos deparamos com o uso da palavra horto na fundação de espaços para o estudo da flora, com funções semelhantes à dos jardins botânicos (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001; ZAHER; COSTA, 2016)⁴.

A partir dos dados acima apontados, há duas vertentes quanto às nomenclaturas. A primeira remete ao uso do termo “horto botânico” como sinônimo de “jardim botânico”, levando em consideração a proximidade na terminologia linguística adotada no português de Portugal ou uma aproximação ou inexistência de diferenciação nas funções desses lugares, dada à época de sua utilização. A segunda teoria, sugere que, em um primeiro momento, esses espaços foram criados em caráter experimental, evidenciando uma forma intensiva de produção, e por isso foram denominados hortos.

No presente artigo, no que diz respeito ao uso do termo “horto botânico”, tendemos para a primeira teoria, de que na época em que surgiram os jardins botânicos brasileiros, havia uma aproximação na designação dos termos “horto botânico” e “jardim botânico” ou a ausência de diferenciação das funções desses lugares.

Rocha e Cavalheiro (2001) datam a primeira ocorrência de um jardim botânico em terras brasileiras em meados do século XVII, sob a iniciativa de Maurício de Nassau, ao criar um jardim junto ao palácio de Friburgo, no Recife⁵. Os autores comentam também que outros jardins botânicos foram criados efetivamente a partir de instruções diretas da coroa portuguesa no final do século XVIII. O primeiro deles foi estabelecido no Pará, com a denominação de Horto Botânico de Belém, oficializado pela Carta Régia de 04 de novembro de 1796, que determinava a de criação de jardins botânicos no Brasil (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001). Esta iniciativa evidenciava o interesse dos portugueses em conhecer melhor a flora e fauna da colônia, como um meio de alavancar a permuta de espécies e investigar meios de substituição à produção de especiarias do oriente (SEGAWA, 1996).

³ Segundo o Dicionário Online do Grupo Porto Editora denominado “Infopédia.pt”, o significado atual de horto, em Portugal, seria: 1. Local onde se cultivam e/ou vendem sementes e plantas de horta e jardim; 2. Horta pequena; 3. Jardim. No Brasil, segundo o Dicionário Michaelis online (2015), a palavra horto é tida como: 1 Pequeno espaço de terreno onde se cultivam as plantas ornamentais; 2 Pequena horta; 3 Lugar de tormento (por alusão ao Horto das Oliveiras, em que Jesus sofreu).

⁴ No caso das referências apontadas, tanto Rocha e Cavalheiro (2001), como Zaher e Costa (2016), apontam que os hortos botânicos criados na cidade de São Paulo, surgem com o nome de horto botânico, porém remetem a tentativas de criação de jardins botânicos.

⁵ Segundo Almeida (2011), esse jardim é reconhecido como o primeiro horto zoobotânico do Brasil e um dos primeiros hortos aos moldes europeus nas Américas. Foi inaugurado em 1637 e esteve em funcionamento até 1644.

Em São Paulo, no ano de 1799, em resposta ao ordenado pela Carta Régia de 19 de novembro de 1798⁶, foi determinada a criação do “Horto Botânico da Luz”, no bairro do Guaré (KLIASS, 1993). Com o intuito de aclimatar “espécies exóticas e nativas para as reproduzir e distribuir entre os agricultores, com vistas à produção comercial” (DIAS; OHTAKE, 2011. p.24), o Horto da Luz é tido por Rocha e Cavalheiro (2001), como o primeiro Jardim Botânico da cidade. Aberto ao público em 1825, o espaço também detinha a prática de atividades recreativas. Em 1838, passou a funcionar como Jardim Público, uma vez que a função de recreação pública sobressaía em relação à botânica, (KLIASS, 1993; MINODA, 2018).

Posteriormente, na São Paulo do final do século XIX e início do século XX, teremos outras três iniciativas de constituição de hortos botânicos: o Horto Botânico da Cantareira, o Horto do Museu Paulista e o Horto Oswaldo Cruz. Atualmente, essas instituições não mais funcionam como hortos botânicos e seus espaços possuem hoje outros usos (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001).

2 OBJETIVOS

Com o intuito de averiguar os elementos existentes que preservam a memória desses lugares, o presente artigo tem como objetivo resgatar o histórico dos hortos botânicos presentes na cidade de São Paulo no início do século XX, localizá-los a partir de mapas e plantas baixas e verificar as diferentes funções que possuíam quando hortos botânicos. Pretende-se também avaliar os destinos que tiveram quando deixaram de desempenhar esse papel. Almeja ainda revelar alguns elementos da época que permanecem atualmente e rememoram a existência dos mesmos e suas funções originais, no tempo presente.

3 METODOLOGIA

A primeira etapa do trabalho deteve-se à revisão bibliográfica do tema. Para tal foram levantados, analisados e sintetizados trabalhos que fizeram o resgate histórico dos hortos botânicos presentes no início do século XX. A abordagem geral utilizou os textos de Kliass (1993), Carapinha (1995), Segawa (1996) e Rocha e Cavalheiro (2001), como parâmetro para construir o cenário dos hortos botânicos estudados. Para a fundamentação e estudo dos hortos foram utilizadas referências específicas de cada um. Dessa forma, temos como principais fontes para o estudo do Horto da Cantareira, a dissertação de Romero (2019); para o Horto do Museu Paulista, a dissertação de Goes (2021) e o Álbum da Secção de Botânica do Museu Paulista⁷; e para o Horto Oswaldo Cruz, também o Álbum da Secção de Botânica juntamente com os artigos de Zaher e Costa (2016) e Bocchi e Patata (2019).

⁶ O documento estabelecia a criação de hortos botânicos, semelhantes ao criado em Belém, nas capitânicas de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e São Paulo (KLIASS, 1993; SEGAWA, 1996; ROCHA E CAVALHEIRO, 2001; ROMERO, 2019).

⁷ Aqui refere-se à publicação intitulada “Album da Secção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências e etc.”, datada de 1925, sob autoria de Frederico Carlos Hoehne. O documento aborda a história das instituições atreladas à Secção de Botânica, durante o período em que esteve à cargo do Museu Paulista.

A segunda etapa do trabalho consistiu em identificar os hortos na cartografia existente da cidade de São Paulo e abordá-los espacialmente através de suas plantas baixas e imagens. Para os estudos cartográficos foram utilizados mapas antigos da cidade de São Paulo presentes em acervos estaduais e municipais, como o Acervo do Museu Paulista e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. Para os estudos iconográficos, foram utilizados dados e documentos presentes nos trabalhos levantados na etapa anterior.

A terceira e última etapa constituiu na busca de informações sobre a situação atual dos espaços originais dos Hortos da Cantareira, do Museu Paulista e Oswaldo Cruz, através de imagens e dados coletados junto à administração e *sites* dos respectivos hortos.

4 RESULTADOS

4.1 Os Hortos Botânicos na cidade de São Paulo do início do século XX

Os anos do final do século XIX e início do século XX, marcaram um período de intenso crescimento na cidade de São Paulo. Com a expansão da economia cafeeira e da malha ferroviária, a cidade experienciou um enorme aumento populacional e considerável expansão de seu território (MATOS, 1955; OLIVA; FONSECA, 2016; ENOKIBARA, 2016). A capital passou a ser o “centro dos negócios do café, concentrando estabelecimentos bancários e residências dos fazendeiros, que também começam a diversificar suas atividades, urbanizando-se” (KLIASS, 1993. p.34). A intensificação e expansão na produção do café com a implantação das ferrovias e a vinda de imigrantes, propiciou a ocupação em direção à porção oeste do Estado (KLIASS, 1993; ENOKIBARA, 2016; OLIVA; FONSECA, 2016).

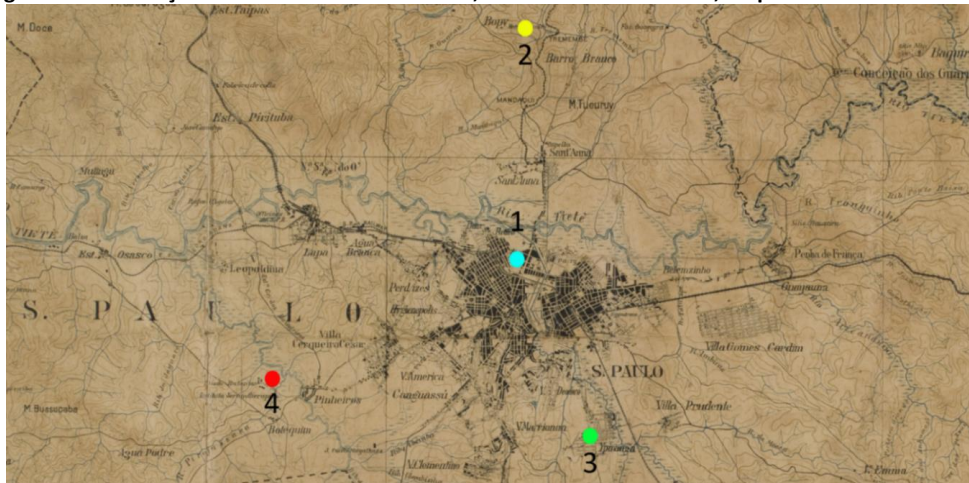
No campo das ciências, o período também foi de mudanças e novidades. O final do século XIX foi marcado pela contratação, pelo governo paulista, de vários cientistas estrangeiros conceituados para “dirigir instituições recém-criadas, visando o reconhecimento dos territórios ainda inexplorados” (ENOKIBARA, 2016. p.114.) e “um melhor aproveitamento dos recursos naturais” (BOCCHI; PATACA, 2019. p. 355). Havia a preocupação em buscar soluções para questões advindas da ocupação do solo urbano, com a discussão das políticas higienistas e sanitaristas (BOCCHI; PATACA, 2019), mas também no âmbito rural, frente a necessidade de diversificação da agricultura, com a crise da super produção do café (como ocorreu em 1900), e do reflorestamento, dado o nível de desmatamento propiciado não só pelo cultivo extensivo, mas principalmente pelo fornecimento da matéria prima (lenha) para o funcionamento das locomotivas à vapor (ENOKIBARA, 2016).

Dessa forma, os hortos que surgiram nessa época na cidade de São Paulo buscavam resolver questões mais gerais (diversificação e ensaio de novas espécies “úteis”⁸ para o Estado – caso do Horto da Cantareira) e específicas (conscientizar a população da nossa flora – caso do Horto do Museu Paulista, e pesquisa de novas espécies medicinais – caso do Horto Oswaldo Cruz). Cada qual com sua utilidade, todos tinham em comum a função de experimentação e encontravam-se em áreas diferentes da cidade, porém lindeiros aos limites urbanos, como

⁸ São consideradas plantas úteis “as plantas que poderiam ter utilidade ou interesse na medicina, nas indústrias, na lavoura, na horticultura ou jardinagem” (Lavoura e Commercio, 1898 *apud* ENOKIBARA; ROMERO, 2017).

podemos ver no mapa do período de 1904 a 1908⁹ (Figura 1). Nas proximidades do centro da cidade, tínhamos o antigo Horto da Luz, já nesse período nomeado Jardim da Luz; ao norte, o Horto da Cantareira, adjacente à área da Serra de mesmo nome; mais ao sul, próximo ao Rio Tamandateí, no bairro do Ipiranga, tínhamos o Horto do Museu Paulista e dentro do Instituto Butantã, às margens do Rio Pinheiros, o Horto Oswaldo Cruz.

Figura 1 – Localização dos Hortos e Jardim da Luz, na cidade de São Paulo, no período de 1904 a 1908.



Legenda: (1) Horto da Luz, (2) Horto da Cantareira, (3) Horto do Museu Paulista e (4) Horto Oswaldo Cruz.

Fonte: Publicação Especial para a Secretaria da Justiça e Segurança Pública. Coleção João Baptista de Campos Aguirra do Acervo do Museu Paulista. Intervenções das autoras (2021).

4.2 Horto da Cantareira (1896-1911)

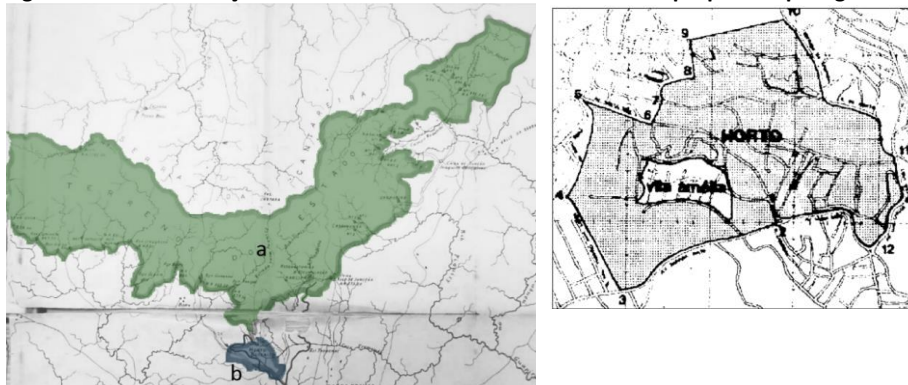
Em 1896, sob a dianteira de Alberto Löfgren¹⁰, então chefe da Seção de Botânica e de Meteorologia da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGG-SP), foi criado o Horto Botânico de São Paulo, mais conhecido como Horto da Cantareira, em terras desapropriadas pelo governo, próximo à Serra da Cantareira¹¹ (Figura 2), visando a recomposição e preservação das matas e nascentes de rios e a constituição de um horto botânico (Figura 3) (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001; ROMERO, 2019).

⁹ A imagem apontada refere-se a um dos mapas presentes na Coleção João Baptista de Campos Aguirra do Acervo do Museu Paulista. O documento não apresenta data exata, porém foi possível limitar o período ao qual se refere por conta de uma das inscrições presentes na descrição do mesmo: “No período presidencial do Dr. Jorge Tibiriçá, sendo o Secretário da Justiça e Segurança Pública o Dr. Washington Luiz”. Segundo Beloch e Abreu (2010), Jorge Tibiriçá foi presidente do Estado de São Paulo entre 1904 e 1908. Portanto, depreende-se que o mapa referido seja desse período.

¹⁰ Alberto Löfgren, foi um botânico naturalista sueco, que veio para o Brasil em 1874. Teve relevante atuação na Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGG-SP), onde elaborou diversos relatórios técnicos sobre a flora paulista (ENOKIBARA; ROMERO, 2017).

¹¹ Segundo o site da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo, as terras mencionadas eram do antigo Engenho Pedra Branca, uma fazenda de café e cana-de-açúcar.

Figuras 2 e 3 – Localização do Horto da Cantareira e das terras desapropriadas pelo governo.



Legenda: (a) Terras desapropriadas pelo governo destinadas à preservação de mata nativa, (b) Horto da Cantareira.
Fontes: (Figura 2) Relatório SACOP, 1909 *apud* ROMERO (2019). Intervenções das autoras, 2021. (Figura 3) Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1983 *apud* ROMERO (2019).

A partir do Mapa da Cidade de São Paulo, do início do século XX (Figura 1), pode-se identificar que o Horto se encontrava ao norte do bairro de Sant’Anna e estava a um raio de aproximadamente 8 km da malha urbana, na época, praticamente limitada à margem esquerda do Rio Tietê¹². Possuía cerca de 174 hectares (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001) e podia ser acessado através das estradas que levavam até a Serra da Cantareira onde está localizado e, após 1905, pelo uso do Tranway da Cantareira¹³.

A criação do Horto tinha como objetivo a sistemática botânica – com a classificação, catalogação, coleção e preparação de vegetais para herbários –, e a experimentação, com o cultivo de plantas “úteis”. Ainda competia ao Horto o estudo das atividades de extração da madeira de forma consciente, seus usos e propriedades, o repovoamento das matas do Estado (ROMERO, 2019) e, juntamente com o Instituto Agrônomo do Estado – IAE¹⁴, produzir e distribuir mudas e sementes a repartições públicas e particulares (ROMERO; ENOKIBARA, 2018), através do Serviço de Distribuição de Mudanças e Sementes (SDMS) do Governo do Estado (ROMERO, 2019).

Não se localizaram muitas informações sobre a configuração do espaço do horto botânico nos seus primórdios. A partir de fotos presentes nos Relatórios da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas (SACOP) e revistas da época, pudemos tomar conhecimento dos elementos principais que o constituíam, como o lago, bosques e áreas de cultivo. Na década de 1930, foram construídas duas edificações, o Museu Florestal Octávio

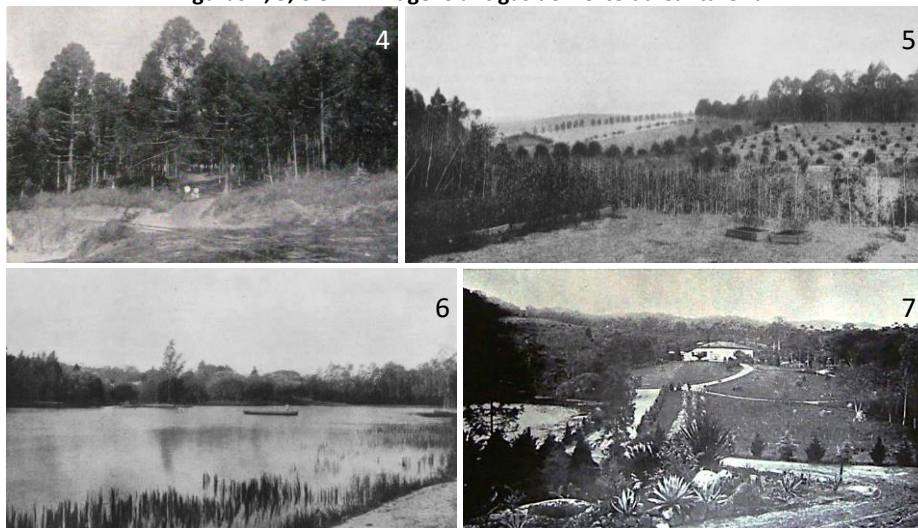
¹² Na imagem observa-se que, na margem direita do rio Tietê, apenas o bairro de Sant’Anna apresentava ruas abertas.

¹³ O Tranway da Cantareira, refere-se à linha de trem, criada em 1893, para auxiliar nas obras de captação de água nos mananciais presentes na região da Serra da Cantareira e que, posteriormente, em 1894, acabou sendo utilizada como meio de transporte ligando o centro da cidade de São Paulo aos bairros da Zona Norte (SILVA, 2018). Romero (2019) aponta que no Relatório da SACOP de 1905 consta que seria criado um desvio no ramal para assim atender também aos passageiros, que desejassem visitar o Horto, tornando-o mais acessível ao público.

¹⁴ Instituição agrícola fundada em 1886, pelo Imperador Dom Pedro II, sob a denominação de Estação Agrônoma de Campinas. Passou para o Governo do Estado em 1892, denominando-se Instituto Agrônomo do Estado – IAE e posteriormente Instituto Agrônomo de Campinas – IAC (ROMERO; ENOKIBARA, 2018).

Vecchi e um edifício para abrigar a residência do administrador do Serviço Florestal, que em 1949 foi transformado em residência de verão do chefe de Estado. Atualmente, a construção abriga a administração da área aberta ao público (SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE, 2015).

Figuras 4, 5, 6 e 7 – Imagens antigas do Horto da Cantareira.



Legenda: (4) Bosque de Araucárias; (5) Vista parcial dos viveiros; (6) Lago do Horto; (7) Entrada do Horto.

Fontes: (4) Revista O Fazendeiro (1911); (5 e 6) Relat. SACOP 1919; (7) Relat. SACOP 1910/11 *apud* ROMERO (2019).

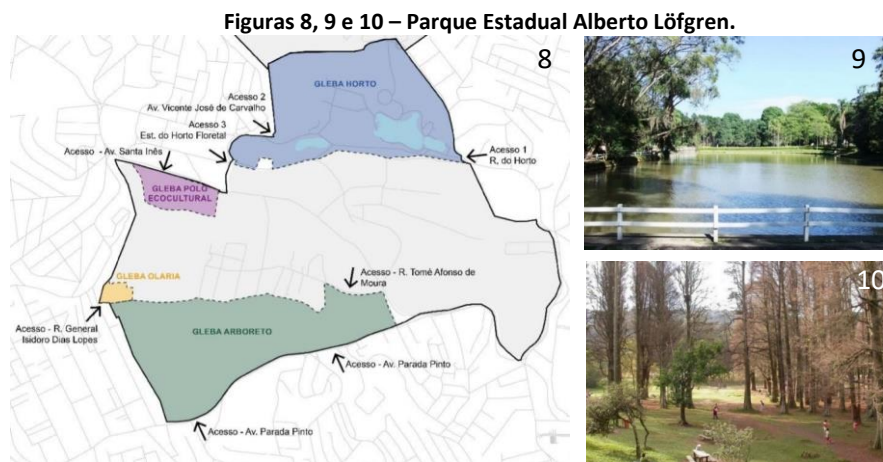
No que diz respeito à divulgação do que era produzido no Horto, destaca-se a publicação de seu fundador e diretor, o botânico sueco Alberto Löfgren, intitulada “Notas sobre as plantas exóticas introduzidas no Estado de São Paulo” (1906), relatando o que estava sendo ensaiado não só nos campos do Horto da Cantareira, mas também nos do Instituto Agrônômico do Estado. Romero (2019) comenta que dentre as atividades, destacavam-se a sementeira e o cultivo de centenas de variedades de árvores frutíferas, florestais e ornamentais exóticas, como o Eucalipto¹⁵ e o Pinus (para o reflorestamento), o Plátano e o Jacarandá (utilizadas na arborização urbana); mas também de nativas, como o Cedro Rosa, o Guarantã, o Pau-brasil e Araucárias (ROMERO, 2019).

Em 1907, o Horto desvinculou-se da CGG-SP e passou a reportar-se à Diretoria da SACOP, direcionando os serviços prestados para o ramo da silvicultura. Em 1909, teve a nomenclatura alterada para Horto Botânico e Florestal, dissociando as atividades teóricas das práticas e focando na produção e fornecimento de mudas (ROMERO, 2019). Em 1911, juntamente com a criação do Serviço Florestal do Estado, foi denominado Horto Florestal, desligando-se de outros serviços de “natureza puramente científica” (RELATÓRIO SACOP, 1910/1911, p.8 *apud* ROMERO, 2019, p.13). O então Horto Florestal continuou com as atribuições voltadas à silvicultura e distribuição de mudas e, em 1970, teve mais uma vez a nomenclatura alterada, denominando-se Instituto Florestal (INSTITUTO FLORESTAL, 2011).

¹⁵ Nesta publicação de 1906 constam o ensaio de 56 espécies de Eucaliptos, madeira que posteriormente será a escolhida para ser utilizada nos reflorestamentos visando o suprimento de madeira (lenha) para as locomotivas a vapor, além de seu uso em postes e dormentes para a ferrovia.

Em 1963, juntamente com a região de Mata da Serra da Cantareira, a área do Horto Florestal foi considerada uma Unidade de Conservação e recebeu a designação de Parque Estadual, a partir da promulgação do Decreto Estadual nº 41.626¹⁶ (INSTITUTO FLORESTAL, 2021b). Em 1983, ambas as áreas foram consideradas patrimônios culturais paulistas e tombadas pelo CONDEPHAAT (COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS, 2021a). Em 1993, foram reconhecidas como parte integrante da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (INSTITUTO FLORESTAL, 2021a).

Atualmente denominado Parque Estadual Alberto Löfgren¹⁷, a área do Horto tornou-se uma Unidade de Conservação independente do Parque Estadual da Cantareira e conta com áreas de conservação e pesquisa, atividades esportivas e de lazer. Seu espaço possui um total de 187 hectares, sendo 35 ha abertos ao público, e divide-se em cinco áreas (Figura 8): Instituto Florestal (destacado em cinza na imagem), Horto Florestal (azul), Polo Ecocultural (roxo), Olaria (amarelo) e Arboreto (verde). Dentre estes, apenas a área do Instituto tem acesso restrito (SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE, 2021a).



Legenda: (8) Mapa de Setorização do Parque; (9) Lago principal; (10) Área de uso público no Horto Florestal.
Fontes: (8) Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, 2021a; (9) Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente (2021b); (10) Coordenadoria de Parques e Parcerias (2021a).

O núcleo do Horto Florestal concentra os equipamentos para lazer, recreação e esportes, como quadras, playground, academia ao ar livre, trilhas, Museu Florestal Octávio Vecchi e o Palácio de Verão do Governador (COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS, 2021b). Em relação aos aspectos naturais, também se encontram nessa porção do parque os lagos¹⁸, espécies vegetais remanescentes da Mata Atlântica como a Araucária (Figura 11), e

¹⁶ O Decreto regulamenta a execução da Lei nº 6884/62, de que todas as áreas de matas naturais do Estado deveriam ser considerados Parques ou Florestas Estaduais (SÃO PAULO, 1963).

¹⁷ Passou a ser nomeado como tal em 1993, e faz referência ao cientista de mesmo nome, idealizador do Horto (COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS, 2021a).

¹⁸ O Parque conta com 4 lagos naturais abastecidos por corpos d'água da microbacia da Pedra Branca, presente na região. Próximo à entrada (Rua do Horto), temos o lago principal e outro menor adjacente a ele. À esquerda desses, temos o lago das Capivaras e o lago do Museu Florestal (INSTITUTO FLORESTAL, 2021b).

espécies exóticas da época do Horto Botânico, como o Pinheiro-do-brejo (*Taxodium distichum*) (Figura 12) e o Eucalipto (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2021). Também é possível ver algumas espécies que se faziam presentes no período do Horto Botânico no núcleo Arboreto Vila Amália, que conta com espécies nativas e exóticas em meio às trilhas e bosques (SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE, 2021a; INSTITUTO FLORESTAL, 2021b). Os núcleos Olaria e Polo Ecocultural são compostos por áreas de bosque e equipamentos de lazer, como quadras esportivas, playground, mirante e academia (COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS, 2021). O núcleo Polo Ecocultural contempla ainda atividades socio-ambientais com a participação de voluntários (SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE, 2021a).

Figuras 11 e 12 – Vegetações centenárias, implantadas ou já presentes na época do Horto botânico.



Legenda: (11) tronco e copas das Araucárias em meio a outras árvores - Foto de Ricardo Cardim; (12) Pinheiros-do-brejo em pequena ilha de um dos lagos – Foto de Rodrigo Cedro. Fontes: (a) Árvores de São Paulo (2011); (b) Site do Governo do Estado de São Paulo, página do Instituto Florestal (2021).

4.3 Horto do Museu Paulista (1898-1928)

O Horto do Museu Paulista foi criado no final do século XIX a partir da iniciativa de Herman Friedrich Albrecht von Ihering¹⁹ com o objetivo de expor espécies selecionadas da flora brasileira e paulista (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001; GUARALDO, 2002, GOES; ENOKIBARA, 2019). A intenção de agregar uma ala de estudos e coleção botânica ao acervo do Museu remetia à prática europeia de criação de Museus de Ciências Naturais e aproximava o Museu Paulista aos seus congêneres brasileiros, como o Museu Nacional no Rio de Janeiro e o Museu Paraense Emílio Goeldi (GUARALDO, 2002; GOES; ENOKIBARA, 2019; ENOKIBARA *et al*, 2020; GOES, 2021). Na proposta apresentada por Ihering, os exemplares do Horto serviriam de complemento natural e vivo ao material exposto no herbário do Museu (ENOKIBARA *et al*, 2020).

O Horto do Museu Paulista localizava-se na porção sul da cidade de São Paulo, próximo ao encontro das águas dos Rios Ipiranga e Tamanduateí (Figura 13), a cerca de 5,5 km do centro (GOES, 2021). Teve seus primeiros plantios em 1898, com a implantação de exemplares de Embaúbas por Ihering, mas desenvolveu-se de fato a partir de 1906, quando se iniciou a abertura de caminhos e passou aos cuidados de Herman Luederwaldt, assistente de zoologia do Museu e também responsável pelo horto (GOES; ENOKIBARA, 2019; GOES, 2021). À época, a área do horto equivalia a aproximadamente 4 hectares e sua localização, segundo Luederwaldt, não era adequada para a implantação de um horto, pois encontrava-se em terreno alto, plano, descoberto, distante de lagos e em região de chuvas escassas e intempéries climáticas (ventos fortes e geadas) (GOES; ENOKIBARA, 2019; GOES, 2021).

¹⁹ Zoólogo alemão e diretor do museu no período de 1894 a 1916 (ROCHA; CAVALHEIRO, 2001; GOES, 2020).

Figuras 13, 14, 15 e 16 – Localização do Museu Paulista e Horto Botânico.

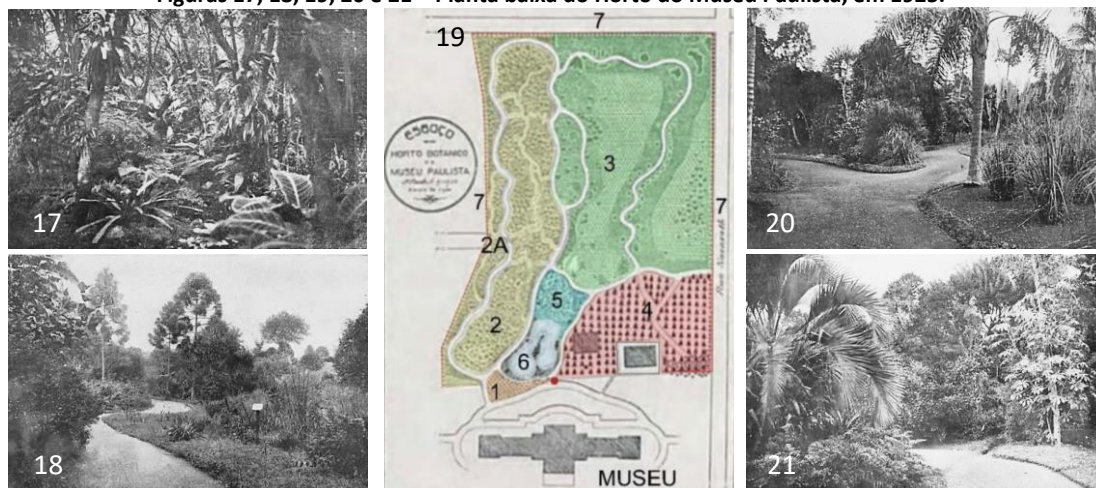


Legenda: (a) Horto Botânico; (b) Museu Paulista; (13) Mapa da cidade de São Paulo (1916) com sinalização da área ampliada em vermelho; (14) Ampliação do bairro do Ipiranga e posições do Museu e Horto Botânico; (15) Planta do terreno do Museu Paulista e entorno; (16) Vista geral do Museu e entorno, sem data.

Fontes: (13 e 14) Secret. de Estado Econ. e Planej. Instituto Geográfico e Cartográfico. Acervo – Tombo 1356; Intervenções das autoras, 2021; (15) Acervo do Museu Paulista *apud* GOES, 2021; (16) Acervo do Museu Paulista.

Em 1917, sob a direção do engenheiro e historiador Afonso d’Escragnolle Taunay, o Museu teve seu enfoque reestruturado, e passou a retratar particularmente os aspectos históricos de São Paulo. Para gerir a Seção de Botânica do Museu foi contratado o botânico brasileiro Frederico Carlos Hoehne que deu seguimento às atividades do Horto, juntamente com Luederwaldt. Goes e Enokibara (2019), a partir de relato escrito feito em 1917 por Luederwaldt, sobre a disposição dos canteiros do Horto, transpõem as informações descritas pelo auxiliar de zoologia em planta baixa elaborada por J. Toledo a pedido de Hoehne. Com a sobreposição de dados pôde-se identificar a estruturação do espaço em 6 setores mencionados (Figura 19).

Figuras 17, 18, 19, 20 e 21 – Planta baixa do Horto do Museu Paulista, em 1925.



Legenda: (1) Plantas úteis no Brasil, (2) Região das “Matts”, (3) Região dos “Campos”, (4) Pinheiral e “Madeiras Legítimas”, (5) “Várzea Artificial” ou “Prado”, (6) “Lagoa Artificial”, (7) perímetro com “Bambus Exóticos”, (17) Foto da região das Matas, (18) Região da Várzea - espécies posicionadas no canto inferior direito na foto; (20) Área de transição entre Mata do lado esquerdo e Campo do lado direito; (21) Área de transição com Embaúba no canto direito da imagem. Fontes: (17, 18, 20 e 21) HOEHNE (1925, p. 133, 140, 137 e 150); (19) HOEHNE, 1925. p.128 *apud* GOES, 2021.

Hoehne (1925), ao tecer comentários sobre o Horto do Museu Paulista no “Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências”²⁰, ilustrou os diferentes tipos de vegetações e formações em cada um dos setores apontados por Luederwaldt (Figuras 17, 18, 20 e 21). As imagens, realçam as particularidades de cada área e retratam a diversidade nos tipos vegetais presentes no local, como árvores, palmeiras, folhagens, trepadeiras, gramíneas, forrações, capins, arbustos floridos e espécies aquáticas ou pantanosas. Dentre elas, podemos destacar as Embaúbas plantadas em 1898 por von Ihering, o Palmito Juçara, Erythrinas, Cassias, Aroeiras, Araucárias, todas espécies nativas e de grande ocorrência na região de São Paulo. Podemos destacar ainda a presença de algumas espécies exóticas, como o Bambu, utilizado no perímetro do Horto como barreira natural aos ventos (GOES; ENOKIBARA, 2019; ENOKIBARA *et al*, 2020; GOES, 2021).

Apesar de possuir trechos bem demarcados, como apontados na planta baixa, a disposição dos caminhos não contou com a elaboração prévia de um plano ou projeto, foram feitos conforme a intenção de Luederwaldt, assim como a escolha do local de plantio de cada espécie (GOES, 2021). Também sob sua iniciativa foi implantado um barracão utilizado como depósito de materiais, e pequenos tanques cimentados para o plantio de espécies aquáticas na área da “várzea”, formando uma região de brejo ou pântano (GOES, 2021).

Além do espaço do horto, a Seção de Botânica também era responsável pelas exsicatas presentes no herbário, na parte superior do Museu. E, apesar da intenção de que as espécies do Horto complementassem esse material, que era aberto ao público, o Horto manteve-se com acesso restrito, pois era considerado um espaço dedicado ao estudo e instrução, sendo visitado, ao que pôde ser aferido, especificamente por cientistas (GOES, 2021).

Em 1927, a Seção de Botânica foi transferida para o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal (BOCCHI, 2020) e, em 1928, o Horto Botânico foi desativado (GUARALDO, 2002; GOES, 2021). Transformado em bosque, a área recebeu outros usos, passando à função recreativa da população (GOES, 2021). Goes e Enokibara (2019) apontam que, posteriormente, a área que abrigava o Horto foi descaracterizada e sofreu interferências com a implantação do Corpo de Bombeiros e Museu de Zoologia.

Atualmente, o bosque possui cerca de 32.000 m² e atende a atividades recreativas e esportivas. É parte integrante do Parque da Independência, que juntamente com o Museu Paulista, o Museu de Zoologia, o Monumento à Independência, a Casa do Grito e a Capela do Bom Jesus do Horto, constituem o Conjunto do Ipiranga (Figura 22). O complexo de 161.300 m² foi transformado em parque público em 1989, e é considerado uma área verde de grande importância na cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2009). O Conjunto é tombado como patrimônio histórico, cultural e ambiental nas três instâncias: municipal, estadual e federal (GOES, 2021).

²⁰ O Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências foi escrito por Hoehne em 1925, como comemoração ao oitavo aniversário da Seção de Botânica. Na publicação, o botânico apresenta dados descritivos das instituições vinculadas à Seção de Botânica no ano de 1925: Horto Oswaldo Cruz, Horto do Museu Paulista (entre os anos 1922 e 1924) e a Estação Biológica do Alto da Serra.

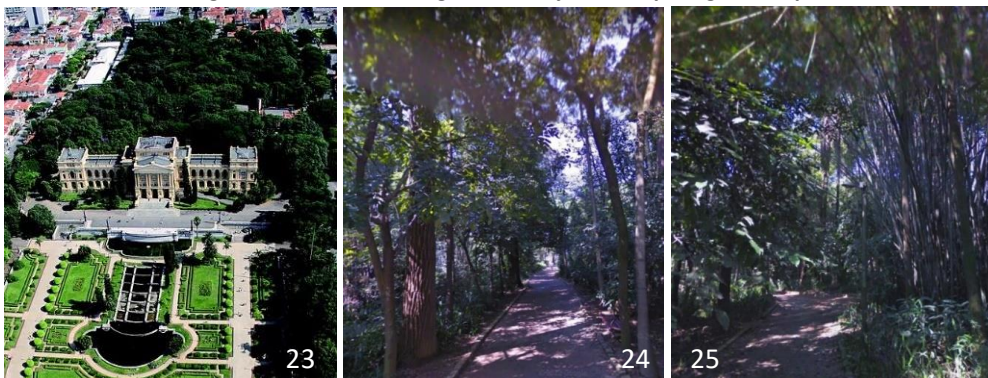
Figura 22 – Mapa do Conjunto do Ipiranga.



Legenda: (A) Museu de Zoologia, (B) Bosque, (C) Museu Paulista (D) Jardim de Arsène Puttemans, (E) Casa do Grito, (F) Capela Bom Jesus do Horto, (G) Monumento, (H) Riacho. Fonte: Site do Museu Paulista (sem data).

No que tange ao traçado e repertório vegetal original do bosque, alguns caminhos se mantiveram. Entretanto, podemos notar algumas intervenções na área próxima ao Museu, como a criação de um eixo central, além dos espaços que foram ocupados pelo Museu de Zoologia e a área do Corpo de Bombeiros. Atualmente não é possível identificar as setorizações feitas por Luederwaldt, uma vez que o aspecto da vegetação em si encontra-se bastante diverso do que foi descrito pelo mesmo e por Hoehne. Mas no local ainda estão presentes algumas espécies descritas na época, como maciços de Bambus, Embaúbas (*Cecropia glaziovii* Sneathl.), Palmito-jussara (*Euterpe edulis* Mart.) e o Cedro-rosa (*Cedrela fissilis* Vell.), apontados no Inventário da Flora do Parque da Independência, feito em 2021 (SECRETARIA DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE, 2021).

Figuras 23, 24 e 25 – Imagens do Conjunto do Ipiranga e Bosque.



Legenda: (23) Vista do Museu Paulista e do Bosque nos dias atuais, (24) Vista de caminho/trilha do Bosque (25) Vista do Bosque em que pode ser visto um maciço de bambu.

Fonte: (23) Wikimedia Commons, 2018; (24 e 25) Google Street View, 2011.

4.4 Horto Oswaldo Cruz (1917-1924)

O Horto Oswaldo Cruz surgiu em 1917 como anexo do Instituto Sôrotherapico (atual Instituto Butantan), instituição responsável pela produção de soros e vacinas para doenças e picadas de animais peçonhentos (INSTITUTO, s/d). A pedido de Arthur Neiva, então Chefe do Serviço Sanitário do Estado, o botânico Frederico Carlos Hoehne fundou no local a Seção de Botânica²¹, que ficaria responsável pelas atividades desenvolvidas no Horto. Tinha como

²¹ Aqui não nos referimos à Seção de Botânica da CGG-SP ou do Museu Paulista, e sim a outra entidade criada por Hoehne para responder pelas atividades do Horto Oswaldo Cruz.

objetivo principal o estudo e cultivo de espécies vegetais tóxicas e medicinais (BOCCHI; PATACA, 2019), mas também previa “enriquecer o patrimônio therapeutico, fornecer informações e recursos à medicina, orientar o público a arte de curar as moléstias” (HOEHNE, 1925, p.39).

Figuras 26 e 27 – Localização do Instituto Butantan e do Horto Oswaldo Cruz.



Legenda: (26) Chácaras, sítios e fazendas de São Paulo, sem data; (27) Planta do Instituto Butantan baseado no SARA (1930); (a) Centro de São Paulo; (b) Limites da Chácara Butantan; (c) Instituto Butantan; (d) Horto Oswaldo Cruz. Fontes: (26) Acervo do Museu Paulista. Intervenção das autoras, 2021; (27) Arquivo do Estado *apud* SÁ, 2019. Intervenção das autoras, 2021.

Localizado na margem esquerda do Rio Pinheiros, onde hoje encontra-se o bairro Butantã²², o espaço escolhido para a implantação do Horto consistia em uma área de várzea irregular, com relevo levemente inclinado, em frente ao prédio do Instituto Sôrotherapico²³ (HOEHNE, 1925). O perímetro era delimitado pelo córrego Pirajussara, a Avenida Vital Brasil e a rua lindeira à cocheira e Instituto de Veterinária (Figuras 26, 27 e 28). Totalizando 150.000 m² (15 hectares), a área do horto apresentava solos férteis e tanto a topografia quanto a proximidade aos corpos d’água tornavam o espaço próprio para o cultivo (HOEHNE, 1925).

Hoehne acompanhou os serviços de levantamento topográfico, preparo do solo e auxiliou na elaboração da planta baixa (Figura 28) e plano geral do novo Horto (HOEHNE, 1925).

Para a concepção do desenho, o botânico aponta como modelo o Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim, e afirma que, “de acordo com os processos e métodos mais modernos da estética, arranjam os planos de forma a fazer predominar as linhas curvas” (HOEHNE, 1925, p.41). Pelos relatos de Hoehne presentes no “Álbum da Secção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências”, é possível inferir que os canteiros tinham sido pensados e dimensionados de acordo com as necessidades e prioridades das espécies a serem produzidas no Horto e,

²² Nos primeiros anos da instituição, o Instituto Sôrotherapico localizava-se em terras adquiridas pelo governo da antiga Fazenda Butantã que contava com área de aproximadamente 400.000 hectares e tinha como atividade principal a produção de leite e lavouras de culturas diversas (SÁ, 2019).

²³ Atual Edifício Vital Brasil ou Prédio Central.

também, que os produtos provenientes do cultivo serviriam tanto para o propósito científico quanto cenográfico. Os

“gramados e bosques alternando com grupos maiores de especies que deveriam ser produzidas em maior escala, para a obtenção dos oleos e principios activos, dariam um conjunto bem agradável á vista e que util seria sob todos os aspectos.” (HOEHNE, 1925. P.41).

O botânico demonstrava igual atenção às dimensões e aspectos das ruas que eram “arborizadas com ‘Alfeneiros’, ‘Tipus’, ‘Congonheiros’, ‘Coração negro’, ‘Suinans’, ‘Ipês’, ‘Canelleiras’, etc. e teem mais ou menos seis metros de largura e são emolduradas com filetes de gramados de ‘Pello de urso’” (HOEHNE, 1925. p. 49).

Figuras 28 e 29 – Planta baixa e vista geral da localização do Horto Oswaldo Cruz.

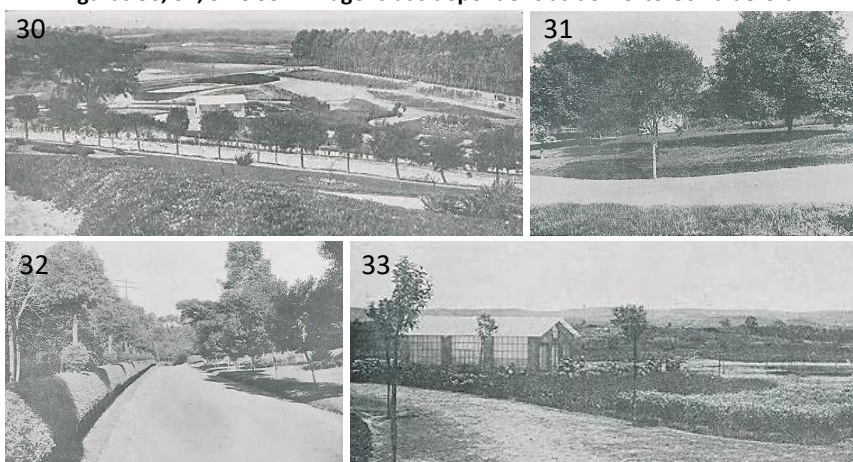


Legenda: (28) Planta baixa do Horto, 1917; (29) Panorama do Instituto Butantan e área do Horto em 1939-40; (a) Prédio do Instituto Butantan; (b) Cocheira do Instituto Butantan; (c) Alpendre; (d) Estufa; (e) Casa do porteiro; (f) Dependências do Instituto de Medicamentos Oficiais do Estado; (g) Pavilhão da Seção de Botânica; (h) Laboratório químico; (i) Depósito de vidros. Fontes: (28) Hoehne (1925, p42). Intervenção das autoras, 2021. (29) São Paulo em foco, 2016. Intervenção das autoras, 2021.

Inaugurado em janeiro de 1918, além da área destinada ao cultivo das plantas²⁴, o espaço do Horto abrigava uma estufa (Figura 33), alpendre para secagem e depósito de sementes, depósito de vidros, laboratório químico, o Pavilhão Sede da Seção de Botânica e as dependências do “Instituto de Medicamentos Oficiais do Estado”, criado para o desenvolvimento e testes de medicamentos (HOEHNE, 1925; BOCCHI; PATACA, 2019).

²⁴ Apesar de a planta baixa elaborada em 1917 apontar as áreas delimitadas para um total de 33 grupos de vegetação, no Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista (1925), Hoehne aponta que apenas 18 deles estavam “completos e conservados”. Ressalta ainda que os grupos indicados pelos números de 19 a 33 não chegaram a ser executados. (Informações retiradas da legenda da imagem presente na pág. 42 do Álbum citado.)

Figuras 30, 31, 32 e 33 – Imagens das dependências do Horto Oswaldo Cruz.



Legenda: (30) Horto Oswaldo Cruz visto do prédio do Instituto Butantan; (31) Canteiro do Horto Oswaldo Cruz; (32) Rua arborizada e maciços alternando em gramado e área de cultivo (a esquerda); (33) Canteiros e estufa.

Fonte: Hoehne (1925, p.36, 47, 57 e 67).

No que tange ao repertório vegetal do Horto Oswaldo Cruz, pode se dizer que no local foram estudadas e aclimatadas diversas plantas voltadas para os fins medicinais, como as espécies dos gêneros *Chenopodium* e *Mentha*, de caráter anti-helmíntico. Mas o espaço do Horto também experimentou exemplares nativos e exóticos de outras naturezas (HOEHNE, 1925; BOCCHI; PATACA, 2019), como forrageiras, ornamentais e espécies para a arborização urbana, além de ervas e outras plantas utilizadas na alimentação, produção e tingimento de tecidos, abarcando o âmbito das chamadas “plantas úteis” (ZAHER; COSTA, 2016).

Ao analisar as espécies produzidas e estudadas no Horto, e descritas por Hoehne no “Catálogo do Herbário e das espécies cultivadas no Horto Oswaldo Cruz”²⁵, Zaher e Costa (2016) salientam que 37% das plantas originalmente cultivadas na área (60 espécies), não se enquadrava na classificação de “vegetal tóxico e medicinal” e que a maioria delas poderiam ser apontadas como detentoras de grande potencial paisagístico. Em outro estudo, Bocchi e Pataca (2019) citam que a escolha das espécies cultivadas no Horto estava vinculada a três situações: solicitações provenientes das instituições governamentais, solicitações de interlocutores²⁶ e aquelas que eram norteadas pelos próprios interesses de Hoehne, sugerindo intenções que iam além do universo tóxico-medicinal.

Em 1922, por sugestão do então diretor do Instituto Butantan, Dr. Rudolf Kraus, a Seção de Botânica desvinculou suas atividades do Instituto e passou a ser parte integrante do Museu Paulista²⁷ (ROCHA, CAVALHEIRO, 2001; OLIVEIRA *et al.*, 2005). Mesmo com a transferência, os

²⁵ Originalmente, a lista das espécies cultivadas no HOC foi apresentada como parte do Relatório Anual da instituição de 1918. Entretanto, Hoehne publicou o material em uma separata no ano de 1919, documento utilizado por ZAHER e COSTA para aferir o repertório do Horto. Tal lista encontra-se anexada ao artigo elaborado pelas autoras em 2016.

²⁶ O termo se refere à rede de pessoas, cientistas ou o público em geral, que mantinham contato com o Horto, seja para enviar mudas para identificação, para troca de espécies ou informações.

²⁷ O pessoal, o herbário e a biblioteca foram transferidos para o Horto do Museu Paulista que ficou sob a direção de Hoehne até 1928, quando houve a transição para o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal (ROCHA; CAVALHEIRO, 2021).

campos de cultura do Horto Oswaldo Cruz se mantiveram aos cuidados de Hoehne e da Seção de Botânica até 1924, durante sua estadia no Museu Paulista. Em 1925 foi desanexado da Seção de Botânica passando a ser responsabilidade do Instituto Butantan (TEIXEIRA, 1988; BOCCHI; PATACA, 2019). Após essa data, a área do HOC passou por várias mudanças funcionais e físicas.

Em 1992, após a restauração financiada pelo Unibanco Ecologia, foi reaberto ao público com atividades voltadas à educação ambiental por um curto período (OLIVEIRA *et al.*, 2005). Vinculado ao Museu Biológico do Instituto Butantan, manteve as atividades voltadas à pesquisa e educação ambiental (ZAHER; COSTA, 2016). Com acesso restrito, visitas e aulas agendadas, hoje abriga trilhas e áreas em que os visitantes podem ter contato direto com os animais e vegetação em seu ambiente natural (SÃO PAULO, 2008; CASTRO, 2017).

Apesar de manter a denominação de Horto, atualmente não desempenha mais essa função. Sofreu uma drástica redução de seus limites e hoje conta com apenas 3,69 hectares de área e cerca de 8.000 árvores, dentre elas o Cedro-rosa (*Cedrela fissilis*), o Jatobá (*Hymenaea courbaril*) e a Paineira-rosa (*Ceiba speciosa*) (BUTANTAN OFICIAL, 2020). São remanescentes do período de funcionamento do Horto Botânico, a Estufa e o Alpendre, que mesmo descaracterizados, ainda integram a paisagem do Horto, porém com outras utilidades (SÃO PAULO, 2008).

Figuras 34, 35, 36 – O Horto Oswaldo Cruz atualmente.



Legenda: (34) Mapa de localização atual do Horto Oswaldo Cruz; (a) Cidade Universitária - USP; (b) Instituto Butantan; (c) Área atual do Horto (35) Entrada do HOC; (36) Jardim dos sentidos e ao fundo antigo prédio da Estufa. Fontes: (34) Google Maps, 2021. Intervenções das autoras, 2021; (35 e 36). Twitter Instituto Butantan Oficial, 2020.

5 CONCLUSÃO

No início do século XX, a cidade de São Paulo detinha três Hortos Botânicos: o Horto da Cantareira, o Horto do Museu Paulista e o Horto Oswaldo Cruz, que apesar de possuírem a mesma denominação apresentavam diferentes funções e atividades. Ambos foram criados e idealizados por importantes nomes da botânica (Alberto Löfgren e Frederico Carlos Hoehne) e zoologia brasileiras (Herman von Ihering). Os estudos sistemáticos, ensaios e produções realizados nessas instituições foram de grande contribuição a nível de conhecimento e valorização da flora nativa, aclimação e aproveitamento de espécies e distribuição de mudas.

O Horto da Cantareira (1896-1911) surgiu com a intenção de restauração e conservação das matas e nascentes dos rios, sistemática botânica, experimentação e cultivo de plantas de usos diversos, além de ter sido de suma importância para a produção e distribuição de mudas no estado paulista. Tendo direcionado o enfoque de seus trabalhos para a silvicultura, em 1911,

foi transformado em Horto Florestal. Atualmente denominado Parque Estadual Alberto Löfgren, constitui-se como uma unidade de conservação ambiental e patrimônio cultural paulista, tombado pelo CONDEPHAAT. Também é reconhecido como parte integrante da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, da UNESCO. Dentre os 187 hectares de sua área, 35 são abertos ao público para atividades esportivas e lazer. Na extensão do Parque ainda é possível encontrar espécies vegetais remanescentes da Mata Atlântica, como as Araucárias, e espécies exóticas da época do Horto Botânico, como o Pinheiro-do-brejo e o Eucalipto.

O Horto do Museu Paulista (1898-1928), criado com o intuito de expor espécies selecionadas da flora brasileira e paulista, era localizado aos fundos do Museu de mesmo nome. A vegetação do Horto, tida como exemplar vivo da presente na coleção do herbário do Museu, tinha a intenção de ser a visualização da natureza em seu estado natural. Hoje transformado em bosque, possui cerca de 32.000 m² e é utilizado como área de lazer e atividades esportivas. Sendo parte integrante do Conjunto do Ipiranga, é tombado nas instâncias municipal, estadual e federal e, mesmo com as intervenções feitas antes do tombamento, a área mantém ainda alguns exemplares de seu repertório vegetal original, como alguns maciços de bambus, as Embaúbas, o Palmito-jussara e o Cedro-rosa, presentes no Inventário da Flora do Parque feito em 2021.

O Horto Oswaldo Cruz (1917-1924), localizado nas dependências do Instituto Butantan, tinha como objetivos o estudo e cultivo de plantas de importância medicinal e fornecer subsídios à produção de novos medicamentos. Entretanto, nos anos em que a Seção de Botânica esteve a cargo da instituição e sob as diretrizes de Hoehne, suas atividades transpuseram o universo tóxico-medicinal e também foram experimentadas espécies exóticas e nativas de outras naturezas, tidas como “úteis”. Seu espaço, pensado prioritariamente para desempenhar as funções às quais foi criado, contava com ruas arborizadas e canteiros alternados com gramados, demonstrando, além do propósito científico, a preocupação ornamental. Após a dissociação entre a Seção de Botânica e o Instituto Butantan, o espaço perdeu sua função original e dentre as muitas transformações ocorridas, hoje abrange apenas cerca de 25 % de seu terreno inicial. Funciona como anexo ao Museu Biológico do Instituto Butantan e oferece atividades voltadas à pesquisa e educação ambiental. São remanescentes da época, a estufa e o alpendre, porém utilizados para outros fins.

De forma geral, os resultados obtidos, além de registrar a permanência de parte das áreas dos antigos Hortos Botânicos da cidade de São Paulo do início do século XX, resgataram as nuances de sua criação, funções, localização e espacialização. Destacou os elementos remanescentes, que preservam a memória desses espaços e, por fim, traçou paralelos temporais, elucidando o que se tornaram: lugares que deixaram de desempenhar sua função original - de horto botânico, mas que permanecem essencialmente com o uso que sempre compartilharam, o uso recreativo.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- AKINAGA, P. et al. Paisagem recriada: projeto de descaracterização das barragens da Mina da Cachoeira. **Revista Eletrônica LabVerde**, n.1, p.117-133, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-2275.v0i1p117-133>
- ALMEIDA, A. V. de; OLIVEIRA, M. A. B. de; MEUNIER, I. M. J. Animais e plantas do horto-zoo-botânico do palácio de Friburgo (1639-1645) construído por Maurício de Nassau no Recife. **Revista Filosofia e História da Biologia**, v.6, n.1, p.19-35, 2011. Disponível em: <http://www.abfhib.org/FHB/FHB-06-1/FHB-6-1-02-Argus-Vasconcelos-de-Almeida_MAB-Oliveira_IMJ-Meunier.pdf>. Acesso em: 05 out.2021.
- ÁREAS VERDES DAS CIDADES. **Horto Florestal ou Parque Estadual Alberto Löfgren em São Paulo (SP)**. 2021. Disponível em: <<https://www.areasverdesdascidades.com.br/2012/06/parque-estadual-alfredo-lofgren-antigo.html>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- BELOCH, I.; ABREU, A. A. Tibiriçá, Jorge. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea. Fundação Getúlio Vargas, 2010. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TIBIRI%C3%87%C3%81,%20Jorge.pdf>>. Acesso em: 06 out 2021.
- BOCCHI, L. A.; PATACA, E. M. Frederico Carlos Hoehne e o Horto Oswaldo Cruz. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v.51, p. 350-369, Ago. 2019. DOI 10.5380/dma.v51i0.61635. e-ISSN 2176-9109.
- BOCCHI, L. A. **Frederico Carlos Hoehne e a Seção de Botânica: caminhos cruzados entre as ciências, os cientistas e as instituições (1917-1938)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.
- BUTANTAN OFICIAL. Twitter do Instituto Butantan. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://mobile.twitter.com/butantanoficial/status/1327338978136223746/photo/1>>. Acesso em: 15 out. 2021.
- CARAPINHA, A. C. P. **Da essência do jardim portugueses**. Volume 1. 425f. Tese (Doutorado em Artes e Técnica da Paisagem). Universidade de Évora, Évora. 1995.
- CARDIM, R. **Árvores do Horto Florestal em São Paulo**. Árvores de São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://arvoresdesaopaulo.wordpress.com/2011/05/02/arvores-do-horto-florestal-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- CASTRO, P. D. Suspiro Verde no horizonte cinza. **Boletim Biota Highlights**. 2017. Disponível em: <<https://www.biota.org.br/suspiro-verde-no-horizonte-cinza/>>. Acesso em: 15 out.2021
- COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS. Parque Estadual Alberto Löfgren Horto Florestal. **Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente**. Governo do Estado de São Paulo. 2021a. Disponível em: <<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cpp/pe-alberto-lofgren/>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- COORDENADORIA DE PARQUES E PARCERIAS. Mapa do Parque. Parque Estadual Alberto Löfgren, Polo Ecocultural Pedra Branca. **Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2021b. Disponível em: <<https://smastr20.blob.core.windows.net/parques/2019/10/2019-08-23-horto-mapa-atal-gov.png>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- DIAS, C.; OHTAKE, R. **Jardim da Luz: Um museu a céu aberto – História e restauro**. Edições Sesc. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. 240p.
- HORTO. In: DICIONÁRIO infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/horto>>. Acesso em: 07 out. 2021.
- HORTO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Editora Merolhamentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=horto>>. Acesso em: 07 out. 2021.
- HOEHNE, F. C. **Álbum da secção de botânica do Museu Paulista e suas dependências, etc**. São Paulo: Imprensa Methodista, 1925.

ENOKIBARA, M. As ciências e a arte dos jardins no Brasil (século XIX). In. FONTES, M. S. G. C.; FARIA, O. B.; SALCEDO, R. F.B. (org.). **Pesquisa em arquitetura e urbanismo: fundamentação teórica e métodos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p.107-120.

ENOKIBARA, M.; GOES, R. N.; SANTOS, M. F. N. S. O repertório vegetal dos primeiros anos de implantação do Horto Botânico do Museu Paulista (1898 a 1918). **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades** v.08, n.54, 2020.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

ENOKIBARA, M.; ROMERO, L. B. Alberto Löfgren e o Estudo sobre os nomes populares das plantas “indígenas” do Estado de São Paulo (1984). In. CONSTANTINO, N. R. T.; ROSIN, J. A. R. G.; BENINI, S. M. (org.). **Paisagem: natureza, cultura e o imaginário**. Tupã: ANAP, 2017. p.89-112.

GUARALDO, E. **Repertório e Identidade: Espaços Públicos em São Paulo, 1890–1930**. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

GOES, R. N.; ENOKIBARA, M. Os Primeiros Anos de Implantação do Horto Botânico do Museu Paulista (1898 a 1917). In. MAGAGNIN, R. C.; CONSTANTINO, N. R. T.; BENINI, S. M. (org.). **Cidade, história e patrimônio**. Tupã: ANAP, 2019. p.59-78.

GOES, R. N. **O Horto do Museu Paulista (1898-1928)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2021.

INSTITUTO FLORESTAL. Instituto Florestal: 125 anos. **Informativo do Instituto Florestal**. Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, v. 3, n. 10, 2011. Disponível em <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutoflorestal/wp-content/uploads/sites/234/2013/05/IF_noticias_n10.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021

INSTITUTO FLORESTAL. Histórico da pesquisa no Instituto Florestal. Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, Governo do Estado de São Paulo. 2021^a. Disponível em: <<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutoflorestal/pesquisa/>> Acesso em: 13 out. 2021.

INSTITUTO FLORESTAL. Ficha resumo de Área Protegida. Secretaria do Meio Ambiente, 2021b. Disponível em: <<https://smastr16.blob.core.windows.net/iflorestal/2018/09/PE-Alberto-Lofgren.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

INSTITUTO Serunterapico do Estado de São Paulo. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Disponível em <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorsp.htm>>. Acesso em 14 out. 2021.

KLIASS, R. G. **Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo: Pini, 1993.

MATOS, Odilon Nogueira de. A cidade de São Paulo no século XIX. **Revista de História**: revista do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, v. 10, n.21-22, 1955. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v10i21-22p89-125>

OLIVA, J. T.; FONSECA, F. P. O “modelo São Paulo”: uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP**, São Paulo, n. 65, p. 20-56, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i65p20-56>

MINODA, Thais Klarge. **Artefatos no Jardim da Luz: usos e funções sociais (1870-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Dissertação de Mestrado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MUSEU PAULISTA. **Mapa do Parque da Independência**. São Paulo, s/d. Disponível em: <<http://www.mp.usp.br/como-chegar/mapa-do-parque>>. Acesso em: 12 outb. 2021.

MUSEU PAULISTA. **Publicação Especial para a Secretaria da Justiça e Segurança Pública Comissão Geographica e Geologica Publicada no Periodico Presidencial de Dr. Jorge Tibiriçá**. Acervo do Museu Paulista da USP. São Paulo, s/d. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Publica%C3%A7%C3%A3o_Especial_para_a_Secretaria_da_Justi%C3%A7a_e_Seguran%C3%A7a_Publica_Commiss%C3%A3o_Geographica_e_Geologica_Publicada_no_Periodo_Presidenci>

al_de_Dr._Jorge_Tibiri%C3%A7%C3%A1_(...)_-1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg>. Acesso em: 10 out. 2021.

OLIVEIRA, A. D. de *et al.* Horto Oswaldo Cruz: histórico e projetos futuros. **Cadernos de História da Ciência**, 1(1), 82-90, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342005000100007&lng=en&tlng=pt>. Acesso em 15 out. 2021.

ROCHA, Y. T.; CAVALHEIRO, F. Aspectos Históricos do Jardim Botânico de São Paulo. **Brazilian Journal of Botany**, São Paulo, v.24, n.4, p.577-586, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-84042001000500013>.

ROMERO, Laís Bim; ENOKIBARA, Marta. Repertório vegetal da arborização urbana do Estado de São Paulo no início do Século XX. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v.6, n.39, p. 76-94, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17271/2318847263920181786>

ROMERO, L. B. **O Serviço de Distribuição de Mudanças e Sementes e o fomento à arborização urbana do Estado de São Paulo no início do século XX**. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2019.

SÁ, A. L. F. **Preservação do patrimônio arquitetônico no Instituto Butantan**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-31072019-145734/publico/MEANDERSONLUIZFELIXDESA_rev.pdf>. Acesso em 15 out. 2021.

SACOP. Relatório da Agricultura. **Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Repositório Digital. São Paulo, 1919. Disponível em: <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/relatorios_agricultura/RSA19190000.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

SÃO PAULO (Cidade). Mapa da Cidade de São Paulo de 1916. **Histórico demográfico do município de São Paulo**. s/d. Disponível em: <http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php>. Acesso em: 4 out. 2021.

SÃO PAULO (Cidade). **Folheto Trilhas Urbanas Parque da Independência**. Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Cidade de São Paulo. São Paulo: 2009. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Independencia_frente_1253909046.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

SÃO PAULO (Estado). **Descubra o Horto Oswaldo Cruz, uma das atrações do Instituto Butantan**. 2008. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/descubra-o-horto-oswaldo-cruz-uma-das-atracoes-do-butantan-1/>> Acesso em: 15 out. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Decreto Estadual nº 335, de 10 de Fevereiro de 1896. Declara de utilidade pública para ser desapropriado, o terreno necessário à instalação de um Horto Botânico com Campos de Experiência e Serviço Florestal, no lugar denominado Pedra Branca, na Serra da Cantareira. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 1896. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1896/decreto-335-10.02.1896.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Decreto Estadual nº 41.626, 30 de Janeiro de 1963. Regulamenta a execução da Lei n. 6884, de 29 de agosto de 1963 que dispõe sobre os parques, florestas e monumentos naturais e dá outras providências. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 1963. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1963/decreto-41626-30.01.1963.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 10.228, de 24 de setembro de 1968. Dispõe sobre a criação do Parque Estadual Turístico da Cantareira. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 1968. Disponível em: <<https://sigam.ambiente.sp.gov.br/sigam3/repositorio/524/documentos/lei-10228-24.09.1968.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SÃO PAULO (Estado). **Instituto Florestal**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/instituto-florestal/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE. **Palácio do Horto traz histórias sobre governadores de São Paulo**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em:
<<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/2015/04/palacio-do-horto-traz-historias-sobre-governadores-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE. **Anexo I – Área da Concessão**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2021a. Disponível em:
<https://smastr16.blob.core.windows.net/home/2021/01/01_anexo_i_area_da_concessao_pec.peal_cp_vf.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE. **Horto Florestal: 125 anos de lazer e preservação da natureza. Governo do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2021b. Disponível em:
<<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/2021/02/horto-florestal-125-anos-de-lazer-e-preservacao-a-natureza/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SECRETARIA DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE. **Independência**. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 2021a. Disponível em:
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_sul/index.php?p=5747>. Acesso em 14 out. 2021.

SECRETARIA DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE. **Inventário de flora 2021: Parque da Independência**. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 2021b. Disponível em:
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/Parque%20Independ%C3%Aancia.pdf>. Acesso em 14 out. 2021.

SILVA, S. P. R. **O tranway da Cantareira e sua relação com o desenvolvimento local: infraestrutura urbana e transporte de passageiros (1893-1965)**. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-22102018-141355/publico/2018_StanleyPlacidoDaRosaSilva_VCorr.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

TEIXEIRA, A. R. Resenha histórica do Instituto de Botânica de São Paulo. **Revista Ciência e Cultura**, v. 40, n. 11, p. 1045-1054, 1988.

ZAHER, E. H.; COSTA, L. T. Raízes do paisagismo no Butantan: o Horto Oswaldo Cruz e a contribuição de F C Hoehne. In: ENOKIBARA, M.; GHIRARDELLO, N.; SALCEDO, R. F. B. (Org.). **Patrimônio, Paisagem e Cidade**. Tupã: ANAP, p. 101-127, 2016.